

Dois vasos de cerâmica comum de uma necrópole do concelho de Nisa

1 — Localização geográfica e circunstâncias do achado

Na sua edição de 1 de Outubro de 1930, publicou o jornal albacastrense «Terras da Beira», um artigo de Manuel Paiva Pessoa, então responsável pelo Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, mediante o qual se noticiava a entrada de duas peças de cerâmica comum romanas, provenientes de Nisa, na colecção arqueológica daquela instituição.

Segundo o autor, «os dois vasos de barro» (1) tinham sido encontrados numa sepultura «pequena e com paredes de pedra de schisto» (2), na propriedade designada por Tapada de D. Mariana (Fig. 1), situada na freguesia e concelho de vila de Nisa (3).

Apesar de distanciada no tempo, e sem a devida confirmação arqueológica, parece-nos ser a notícia de particular interesse, por um lado, porque constitui informação importante para a localização de mais uma necrópole romana no Nordeste Alentejano, por outro, porque procede à primeira descrição do teor do espólio exumado, o qual se integra na tipologia recentemente estabelecida para este tipo de materiais, recolhidos igualmente em necrópoles do Alto Alentejo (4).

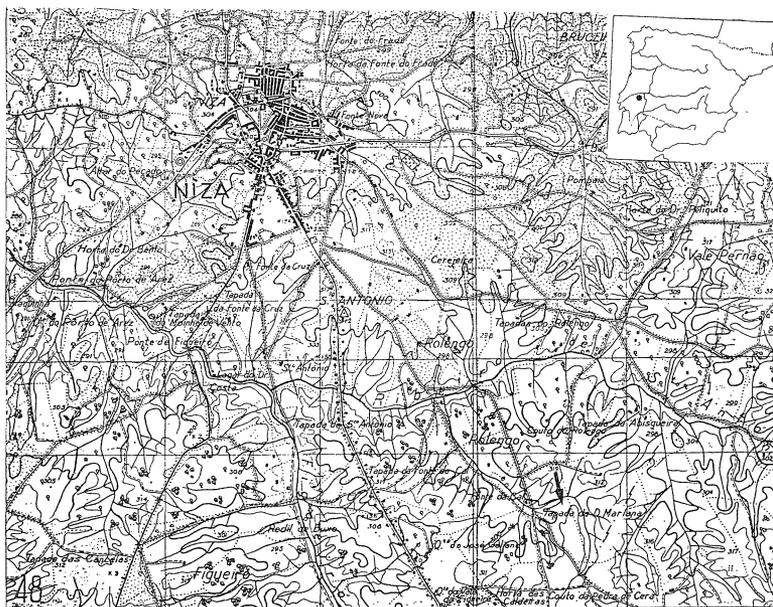


Fig. 1 — Localização da Tapada de D. Mariana segundo a Carta Militar de Portugal, folha 324 (NIZA), esc.: 1:25.000 (Red.).

(1) Manuel de Paiva Pessoa (1930), *Arqueologia*, «Terras da Beira», Castelo Branco, ano I, n.º 22, pág. 2.

(2) *Idem*, *ibidem*.

(3) As coordenadas Gauss sobre a Carta Militar de Portugal, folha 324, esc. 1:25.000, são as seguintes: M — 243,5; P — 280,6.

(4) Jeanette U. Smit Nolen — *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa, 1985.

2 — Descrição dos materiais

A descrição das peças não inclui uma pormenorizada análise das pastas cerâmicas, devido ao facto de os materiais observados se encontrarem intactos, facto que não permite a observação e a análise da sua estrutura (5). Assim, referiremos apenas a existência de desengordurantes e sua natureza, bem assim como a qualidade da pasta, tomada pelo seu aspecto superficial.

2.1 — Bilha (Fig. 2)

Podemos considerar este vaso como uma variante da forma 1-C (NOLEN, 1985: 38-39), caracterizado pelo bojo ovóide, gargalo moldurado e bordo evasado (6).

Apresenta uma pasta fina, de cor rosada com desengordurantes micáceos. A limpeza de que foi objecto procedeu à remoção do engobe, restando deste apenas alguns vestígios em pequenas porções da sua superfície.

O gargalo é curto, com moldura e esvasamento acentuado do bordo; o bojo, ovóide, evidencia duas caneluras pouco acima do arranque da asa, que é de fita. O pé é baixo, de fundo externo em ressalto, com uma ligeira concavidade.

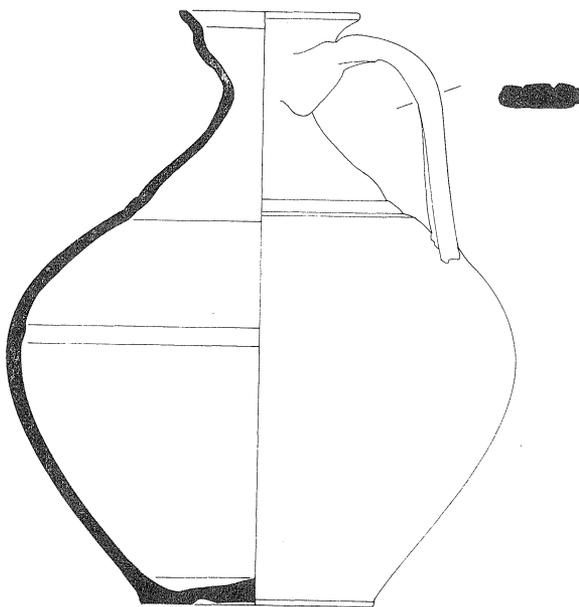


Fig. 2 — Bilha de bojo ovóide.

(5) Nolen, *op. cit.*, pág. 26.

(6) Nolen, *op. cit.*, Estampa II, n.º 16.

Altura — 157 mm
 Diâmetro máximo — 135 mm
 Número de inventário — 29.22

2.2 — Garrafa (Fig. 3)

Este vaso integra-se na classe das garrafas de bojo cilíndrico, embora se deva considerá-lo com uma variante de sub-tipo 4-a (NOLEN, 1985: 50-51).

Na pasta, de cor bege, é visível o desengordurante micáceo; do engobe, de tom alaranjado, restam escassos vestígios.

De bordo ligeiramente esvasado, com moldura exterior, possui gargalo curto, sublinhado por canelura dupla.

A asa, de fita, insere-se superiormente ao nível do bordo.

Ombro em carena, bojo cilíndrico e base facetada são as características formais dominantes (7). O fundo externo é raso.

Altura — 189 mm
 Diâmetro máximo — 158 mm
 Número de inventário — 29.21

A cronologia deste conjunto, recolhido em circunstâncias para sempre tornadas desconhecidas, e sem associação aparente com outros tipos de materiais datáveis, só poderá ser estabelecida futuramente, e por recurso a paralelos cuja datação não ofereça margens de dúvida.

Dado o facto de serem formas variantes de tipos cuja datação oscila entre finais do séc. I e inícios do séc. III (NOLEN, 1985: 144-186), julgamos pertinente, e tendo em consideração a precariedade dos conhecimentos actuais, integrá-los dentro destas balizas cronológicas.

3 — Considerações finais

Estruturas e formas funerárias estão inevitavelmente condicionadas às diferentes (e complexas) relações sociais tomadas no seu devir histórico.

Se, sobre a estrutura tumular, apenas nos é fornecida a informação relativa ao material utilizado na sua organização, outro tanto não acontece com o seu mobiliário, ou parte dele.

Este, pela sua natureza, pode ser questionado de diferentes formas. Tendo presente o essencial do trabalho de Jeanette Nolen, procurámos ater-nos às questões que nos surgem como fundamentais: que circuitos de distribuição se teriam organizado para possibilitar o aparecimento do mesmo tipo de materiais em necrópoles tão afastadas dos locais de produção propostos por esta autora?

A segunda questão, é a de saber até onde progrediram estas formas, no espaço, dada a circunstância de estas ultrapassarem, em muito, os limites da zona alentejana.

Tomando como exemplo a actual Beira Interior, e apesar do insuficiente conhecimento relativo ao estudo das cerâmicas comuns romanas desta região a norte do rio Tejo, foram já referenciados alguns materiais enquadráveis nos quadros tipológicos propostos. D. Fernando de Almeida e O. V. Ferreira (8) publicaram o espólio de uma

(7) Nolen, *op. cit.*, Estampa XII, n.º 80, 81.

(8) D. Fernando de Almeida. O. V. Ferreira: *Antiguidades de Monsanto da Beira*, «Revista de Guimarães», vol. LXVI, 1956, Estampa II, figs. 16-17.

necrópole localizada em S. Lourenço — Monsanto, no concelho de Idanha-a-Nova, onde este tipo de materiais se encontra presente.



Fig. 3 — Garrafa de bojo cilíndrico.

Ter-se-á, então, estendido até ao território de *Civitas Igaeditanorum* a esfera de comercialização destes produtos de um quotidiano perdurado?

ROGÉRIO CARVALHO & PEDRO SALVADO

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1956), *Antiguidades de Monsanto da Beira*, «Revista de Guimarães», vol. LXVI, n.ºs 3-4, págs. 407-425.
- NOLEN, J. U. S. (1985), *Cerâmica Comum da necrópole do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.
- PESSOA, M. P. (1930), *Arqueologia*, «Terras da Beira», ano I, n.º 22, pág. 2.